

China: o sonho frustrado de um desenvolvimento “virtuoso”

por Alberto Forchielli* e Romeo Orlandi**

Este é o primeiro de quatro Notebooks de Xangai que serão publicados no mês de agosto. Serão dedicados às contradições do desenvolvimento e da sociedade chinesa. O ângulo de visão será o mundo da economia e dos negócios. O primeiro notebook, de hoje, percorre brevemente o percurso da China na última década, um caminho que tem representado “uma involução” respeitante aos objectivos iniciais. Os segundo e terceiro notebooks vão abordar diretamente os rumos, muitas vezes negativos, que o país tomou sublinhando as contradições económicas internacionais (protestos da diplomacia económica, obstáculos para corporações multinacionais, nacionalismo económico, afastamento de Xangai como centro financeiro, atraso da internacionalização da RMB) e internas (disparidade nos rendimentos, diferenças regionais, papel dos bancos, bolha imobiliária, propriedade intelectual). O último notebook olhará para a nova China, os jovens, os estudantes, a quem não teme o contágio e se nutre também de informação alternativa.



Apenas os observadores menos atentos prognosticavam cenários extremos no momento do ingresso da China na OMC, a Organização Mundial do Comércio. Na primeira da análise apareceram previsões apocalípticas: a China teria deteriorado o comércio internacional, empurrando-o para uma deriva incontrolada de má qualidade, baixos salários, redução de proteções sociais. A concorrência chinesa teria recuado as conquistas sociais do welfare e causado o encerramento dos batentes das suas fábricas. A outra extremidade conceitual – o primeiro a especular no seu integralismo - via na China uma plena confirmação da validade do liberalismo. Aderindo aos seus princípios agora vitoriosos, Pequim estava na estrada das reformas, da concorrência leal, de um sistema baseado sobre o valor das leis. Todos beneficiariam: os consumidores com produtos mais baratos, os empresários com custos mais baixos de produção, os mercados emergentes finalmente alheios ao subdesenvolvimento. A realidade era - e demonstrou-se - muito mais complexa.

Em 2004, o ano da criação do Osservatorio Asia, a China apresentava um quadro articulado de difícil catalogação. A sua identidade parecia distante: um país campónio pela cultura com um presente industrializado, um regime autoritário com grande liberdade empresarial, uma sociedade atrasada com pontos de luxo e de excelência. Os observadores não eram ingénuos a ponto de imaginar para a China um percurso linear, nem afundavam em cinismo e em pessimismo as suas convicções. O Osservatorio Asia acreditava que a China iria progredir com a alavanca económica, que a riqueza produzida teria provavelmente criado uma sociedade mais inspirada pelos valores universais, os quais ambicionados também pela China.

A mais de 10 anos de distância daquele evento histórico, a China progrediu mas não resolveu as suas contradições. Um avanço quantitativo certamente ocorreu, mas apenas aumentou com a frieza dos números. A China não construiu uma sociedade mais livre ou plural. A reforma política é regularmente adiada. As regras do jogo, por mudarem, não qualificam a China em linha com os standards internacionais. A ética do business custa a afirmar-se. Próprio num momento de crise não só conjuntural do modelo ocidental, a China teve a oportunidade de propor uma visão alternativa, embora não hostil. Os acontecimentos seriam gratos não só às Chancelarias ocidentais, mas também aos países emergentes. Em vez disso, Pequim continua prisioneira de uma crise de cerco, como se devesse demonstrar a todos a sua força, impondo esta última como arma de negociação de última instância. As multinacionais, depois de serem por décadas as suas melhores amigas, lamentam o agravamento do business environment. Agora menos necessárias após a primeira fase de industrialização, são excluídas de concursos e adjudicações internacionais a favor de empresas locais. No interior, a disparidade de rendimentos aumenta e o mesmo poder de Pequim parece incapaz de controlar plenamente as suas províncias, os seus bancos, as suas empresas.

O desenvolvimento trouxe consigo os efeitos colaterais que o país, por tradição, não está habituado a gerir. Os problemas já não são escondidos pelas informações de senso único. Não é óbvia no horizonte uma forte crise no sistema, mas a multiplicação de elementos de instabilidade. Quero dizer não é tanto a sua germinação, mas a recusa em lidar com novas ferramentas. É uma rigidez à qual necessitará renunciar, para o bem da China. O país tem de fato criado novos talentos, jovens preparados que mantêm as suas origens, mas não temem abrir-se ao mundo exterior, embora cientes de que isso apresenta contradições inevitáveis, mas saudáveis.

*Presidente de Osservatorio Asia

**Presidente do Comité Científico de Osservatorio Asia